

AS MAIS BELAS IGREJAS DE PORTUGAL

estilos manuelino e barroco nos
monastérios portugueses

aula 3 / 3

Prof. Dr. Percival Tirapeli

Instituto de Artes da UNESP

Igreja de São Roque

Em 24 de Março de 1506, inicia-se a construção da Capela de São Roque junto ao local onde, fora da muralha da cidade, se construiu um cemitério no qual eram enterrados os que morriam de peste. Em 1515, foi sagrada a capela com orago de proteção aos doentes.



Igreja de São Roque, Lisboa.



- A Ordem de Santo Inácio de Loyola, instituída em 1534, expandiu-se em Portugal a partir de 1540. A edificação de Igrejas e Casa Profetas fez parte de um programa completo de construções, envolvendo múltiplas atividades ligadas à doutrinação e educação dos fiéis, pelo que a implantação na Casa Profeta em Lisboa foi bem acolhida por D. João III.
- Em 1553, a Companhia de Jesus toma posse da Ermida de São Roque e obriga-se a construir, no interior da nova Igreja, uma Capela dedicada ao culto do Santo. Apesar dos Jesuítas desejarem mudar a evocação da Igreja, o rei decidiu perpetuar a tradicional designação.



Seu interior é composto 8 capelas, agrupadas 4 a 4, de uma capela-mor e de pequenos altares abrindo para um transepto inscrito. Pela prática de dourar grandes superfícies, recobrir outras de azulejos ou mármore, obtém-se um jogo de tonalidades que dá ao espaço interior da Igreja uma perspectiva singular.

São Francisco Xavier e Santo Ignácio de Loyola
Retábulo-mor da Igreja de S. Roque – Lisboa





Com a expulsão da Companhia de Jesus do território português, a Igreja de São Roque e Casa Professa dos Jesuítas são entregues à Misericórdia de Lisboa, por carta régia de 8 de Fevereiro de 1768, que ali instala seus serviços hoje.
Capela de S. João Batista.

Arquitetura Maneirista ou estilo Chão

- Primeira casa professa dos jesuítas em Lisboa.
- Arqts. Afonso e Bartolomeu Álvares. 1567.
- Fachada é posterior, do arq. Filipe Terzi.
- Interior composto por 8 capelas, agrupadas 4 a 4, uma capela-mor e pequenos altares abrindo para um transepto inscrito. Prática de dourar grandes superfícies, recobrir outras de azulejos ou mármore.

Pintura do teto

- O teto da Igreja, suportado por uma estrutura de vigamento em madeira de origem prussiana, é o único exemplar lisboeta que resta dos grandes tetos pintados do período maneirista.
- Atribuído ao pintor Francisco Venegas, a quem coube a execução dos elementos arquitetônicos em *tromp-l'oeil*, ainda no século XVI, e ao pintor Amaro do Vale que, no início do século XVII, lhe acrescenta o medalhão central representando o “Triunfo de Santa Cruz”.



Nave central da Igreja de São Roque, Lisboa



Capela de São João Batista

- Barroco italiano, séc. XVI.
- Altar em prata e lápis lázuli, ornamentos e ágata, alabastro, ametista, mosaicos e ouro.
- Encomendada por D. João V a Luigi Vanvitelli e Nicola Salvi.



Sacristia de Santo Antão, Lisboa



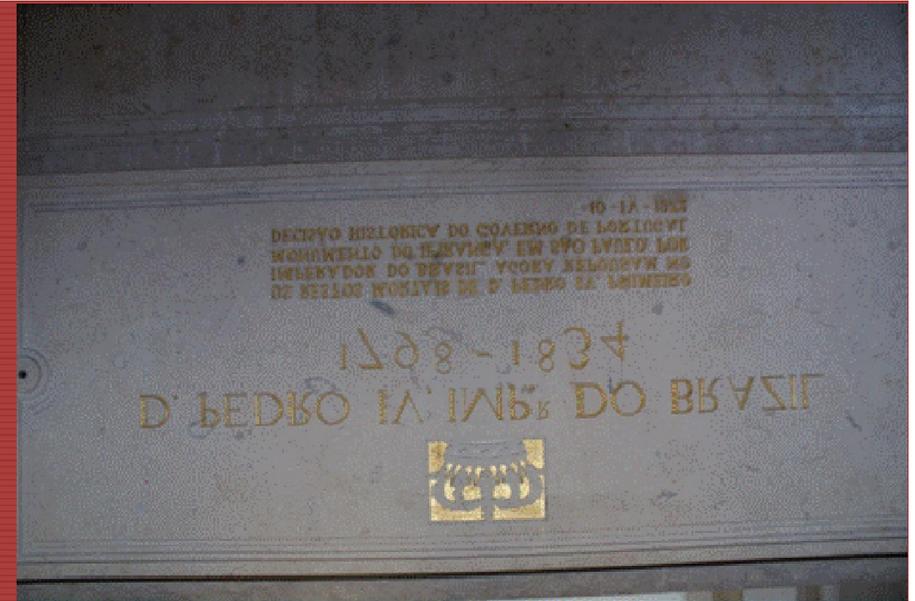
Igreja de São Vicente de Fora, 1582-1629.
arqts. Filipe Terzi e Baltazar Álvares

São Vicente de Fora

- Celebra a união das coroas – 1580-1640 – entre Espanha e Portugal impondo o gosto maneirista filipino do arquiteto Herrera que projetara o El Escorial na Espanha.
- Gosto pelo desornamentado e grandioso . Magnificência além de palaciano.
- Uso das duas torres, sem frontão e galilé.
- Na entrada do convento há das poucas pinturas barrocas sobreviventes de 1755.



Vista geral dos Pátios do Convento de S. Vicente de Fora - Lisboa



Sarcófagos da família Orléans e Bragança. À esq, de D. João V.



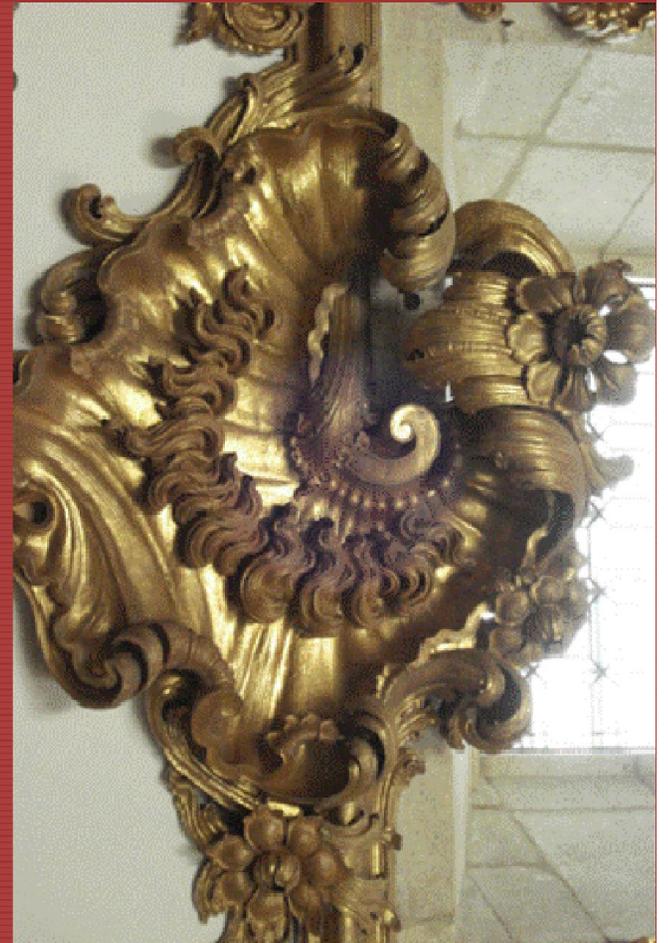


Sacristia São Vicente de Fora. Mármore embrechados



Pintura barroca de Vicente Baccarelli, 1710.

Mosteiro de Tibães em Braga



- Congregação Beneditina portuguesa, situa-se na região norte de Portugal, a 6 km a noroeste de Braga, na freguesia de Mire de Tibães.
- Fundado em finais do século XI, quando o condado portugalense começava a afirmar-se e os monges de Cluny introduziam a regra monástica de São Bento, tornou-se um dos mais ricos e poderosos mosteiros do norte de Portugal. A crise demográfica e econômica que, a partir de meados do século XIV, se instalou em Portugal veio refletir-se duramente no quotidiano monástico de Tibães que viveu um longo período de decadência material e espiritual.
- Com o século XVI, e na persecução das resoluções do Concílio de Trento, o Mosteiro de S. Martinho de Tibães recebe a nova reforma monástica, participa na fundação da Congregação dos Monges Negros de São Bento dos Reinos de Portugal e torna-se Casa Mãe de todos os mosteiros beneditinos.



Vista geral



Fachada da Igreja de S. Martinho – Mosteiro de Tibães, Braga



Vista da nave e capela-mor da Igreja de S. Martinho



Retábulo-mor e vista do coro

Espaço monumental
belíssimo, assume-se,
durante os séculos XVII e
XVIII, como importante
centro produtor e difusor de
culturas e estéticas,
transformando-se num dos
maiores e mais importantes
conjuntos monásticos
benedictinos e num lugar de
exceção do pensamento e
arte portugueses.



- Com a extinção das Ordens Religiosas em Portugal, em 1834, o mosteiro é encerrado e os seus bens, móveis e imóveis, vendidos em hasta pública ou integrados a coleções de museus e bibliotecas nacionais .
- O processo só termina em 1864 com a compra, por privados, de grande parte do edifício conventual. Desafetado das suas funções iniciais, com exceção das de igreja e de residência, o Mosteiro de São Martinho de Tibães virá assistir, sobretudo a partir dos anos 70, à dilapidação do seu património nuclear, à degradação e mesmo à ruína. Desta situação é resgatado em 1986 com a compra pelo Estado Português da maior parte da propriedade em uso privado.



Palácio Nacional de Mafra





Vista do Palácio e Convento de Mafra. Ao fundo, a área de caça dos nobres, a *Tapada de Mafra*.

Palácio e Mosteiro Monumental

- Fica a cerca de 25 km de Lisboa. Foi iniciado em 1717 no reinado de D. João V, em consequência de uma promessa que o jovem rei fizera se a rainha, D. Maria Ana de Áustria, lhe desse descendência.
- É Monumento Nacional português desde 1910, e uma das sete maravilhas do país - declarada em 2007.

Palácio e convento de Mafra



Uma promessa: a construção do Palácio

- O nascimento da princesa D. Maria Bárbara determinou o cumprimento da promessa feita pelo rei. Os trabalhos começaram em 1717 com um modesto projeto para abrigar 13 frades franciscanos, mas o ouro do Brasil começou a entrar nos cofres portugueses; D. João e o seu arquiteto, Johan Friedrich Ludwig (Ludovice) , que estudara na Itália, iniciaram planos mais ambiciosos.
- Não se pouparam a despesas. A construção empregou 52 mil trabalhadores e o projeto final acabou por abrigar 330 frades, um palácio real, umas das mais belas bibliotecas da Europa , decorada com mármore preciosos, madeiras exóticas e incontáveis obras de arte. A magnífica basílica foi consagrada no 41.º aniversário do rei, em 1730, com festividades de oito dias.

Palácio de Mafra e a riqueza do Brasil

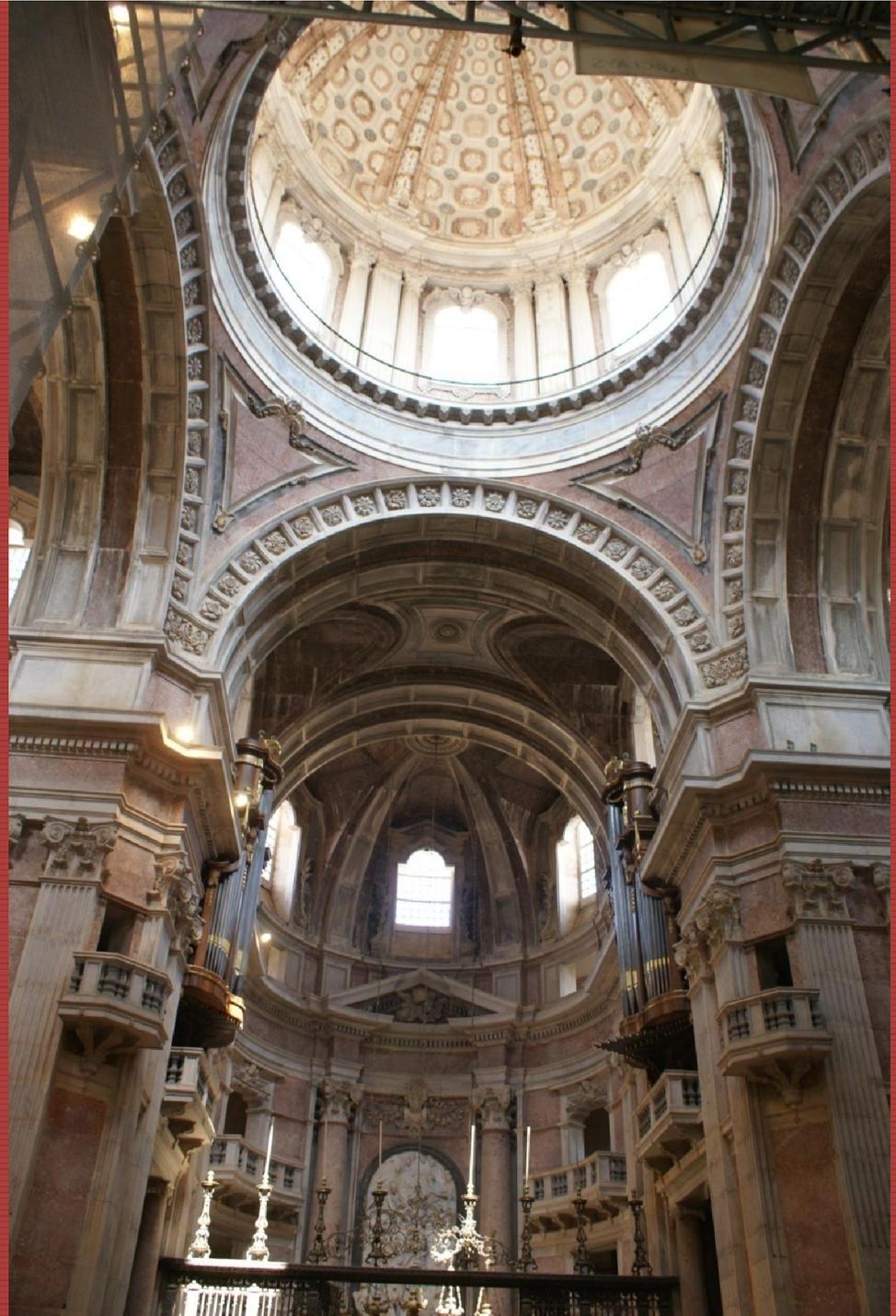
- As melhores mobílias e obras de arte foram levadas para o Brasil, com a família real em 1808. Durante os últimos reinados da dinastia dos Bragança, o Palácio foi utilizado como residência de caça e dele saiu também em 1910 o último rei D. Manuel II, rumo ao exílio.
- No andar de cima do Palácio, suntuosas salas estendem-se pela fachada ocidental, com os aposentos do rei numa extremidade e os da rainha na outra, a 232 m de distância. Ao centro, a imponente fachada é valorizada pelas torres da basílica coberta com uma cúpula.

Palácio de Mafra

- Arq. João Frederico Ludovice, alemão que estudara em Roma, introduz o barroco italiano em Portugal a pedido de D. João V
- Foi o empreendimento que consumiu a maior parte do ouro do Brasil.
- Foram necessários 52 mil trabalhadores entre 1717 – 1730.
- Abrigou 330 frades, e nunca foi habitado pelo rei e a rainha, cujos aposentos distanciavam mais de 200 m. um do outro.
- As esculturas são italianas e D. José I ali fundou uma escola de escultura sob direção de Alessandro Giusti.

Basílica de Mafra

- O barroco italiano é introduzido em Portugal
- O revestimento com mármore colorido substituiu os azulejos, os retábulos do mesmo material tinham pinturas que foram substituídos por relevos em mármore de Carrara.
- Baniu-se a talha dourada.

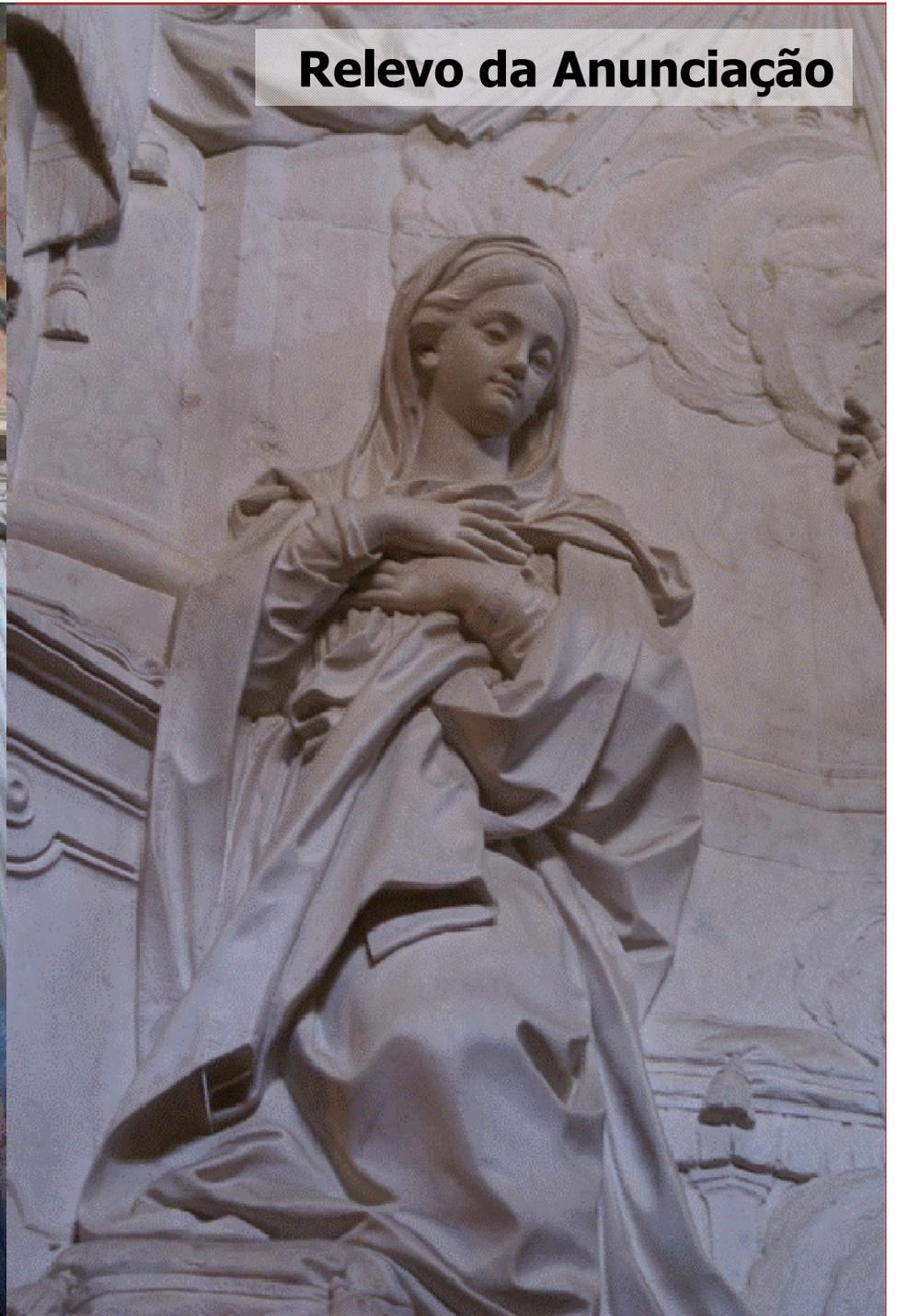


Abandono do Mosteiro com a extinção do clero em Portugal

O mosteiro foi abandonado em 1834, após a dissolução das ordens religiosas. Foi quando houve a "Reforma geral eclesiástica" empreendida pelo ministro e secretário de Estado, Joaquim de Aguiar, e executada pela Comissão da Reforma Geral do Clero (1833-37), foram extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas de religiosos de todas as ordens religiosas, ficando as de religiosas sujeitas aos respectivos bispos, até à morte da última freira, data do encerramento definitivo.

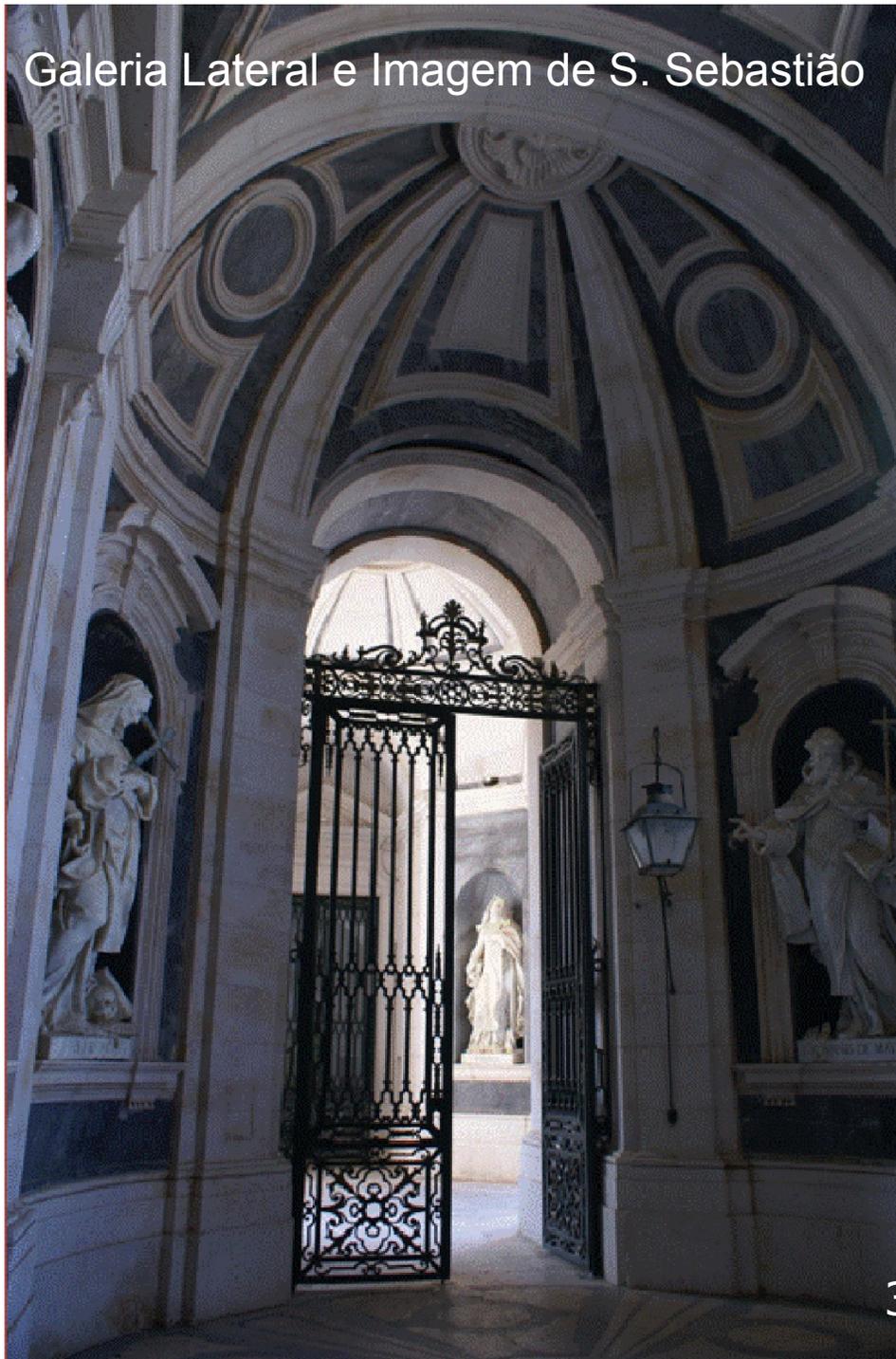


Cúpula e ábside da Basilica de Mafra

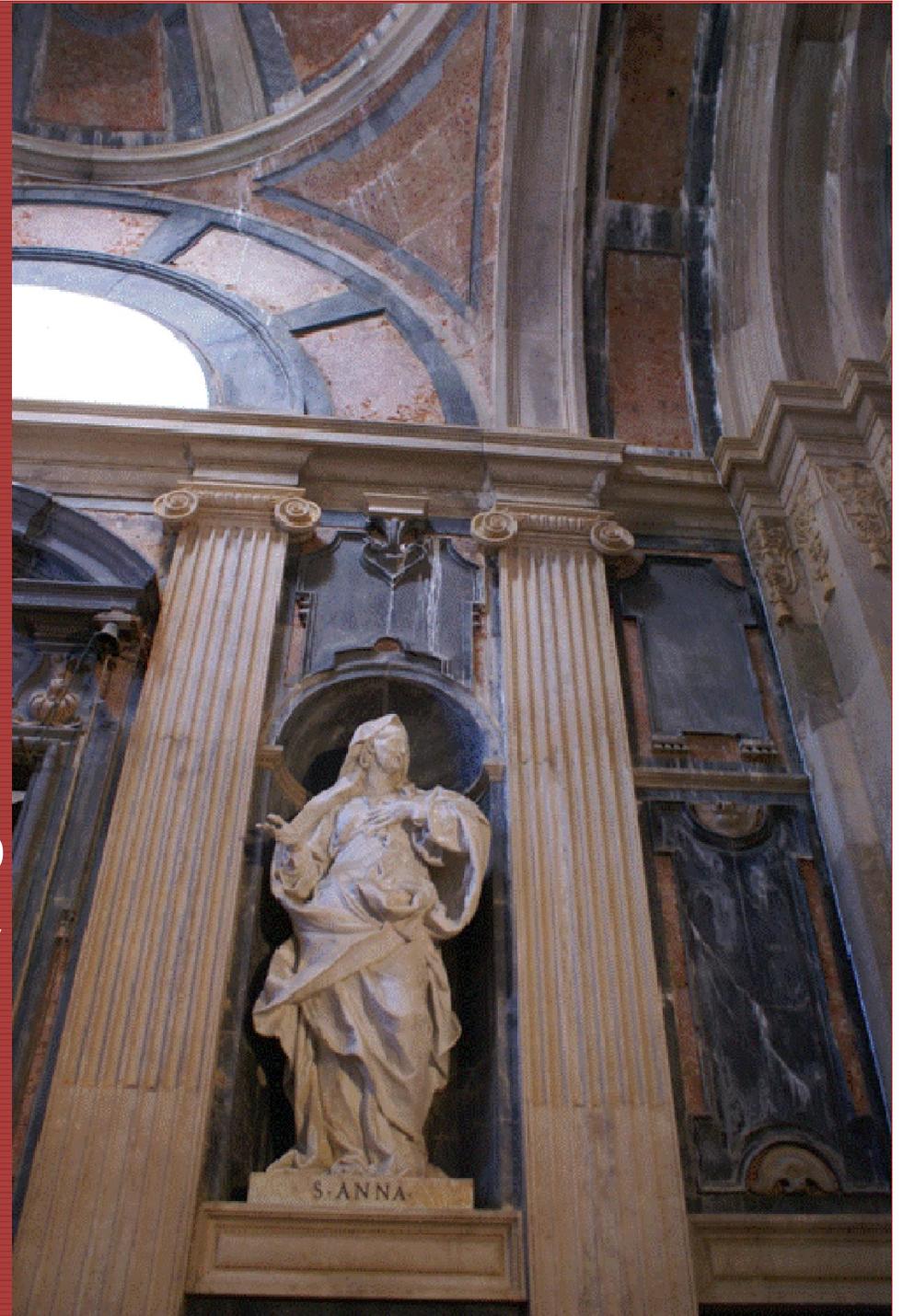


Relevo da Anunciação

Galeria Lateral e Imagem de S. Sebastião



O interior é forrado de mármore e equipado com seis órgãos do início do séc. XIX, configurando repertório exclusivo que não pode ser tocado em nenhum outro local do mundo. O átrio da basílica é decorado por belas esculturas da Escola de Mafra, criada por D. José I em 1754. Muitos artistas portugueses e estrangeiros ali estudaram sob a orientação do escultor italiano Alessandro Giusti. O Palácio possui ainda dois carrilhões, mandados fabricar em Antuérpia por D. João V, com um total de 92 sinos que pesam mais de 200 toneladas.





São Vicente, adro do Palácio:
dramaticidade barroca

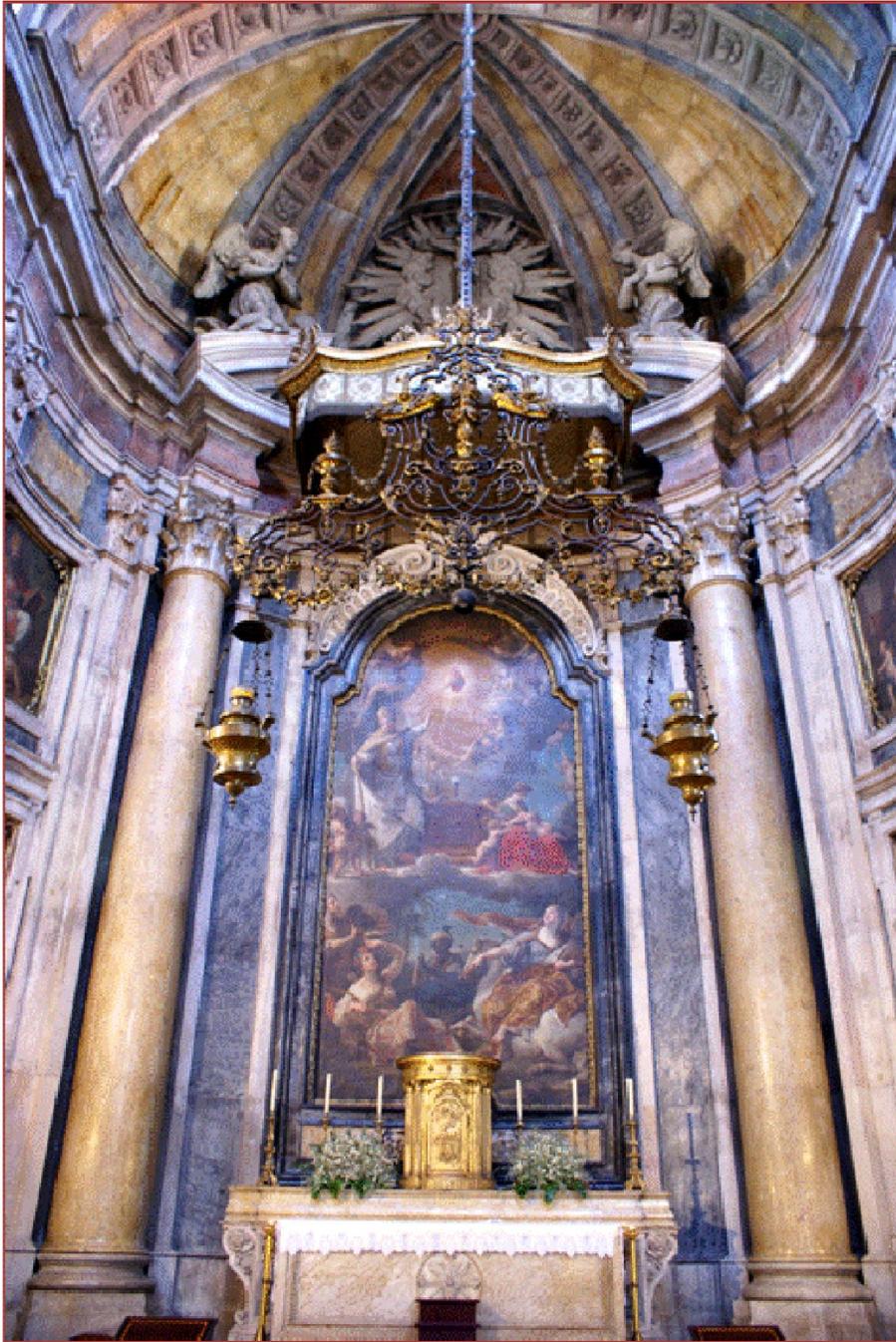




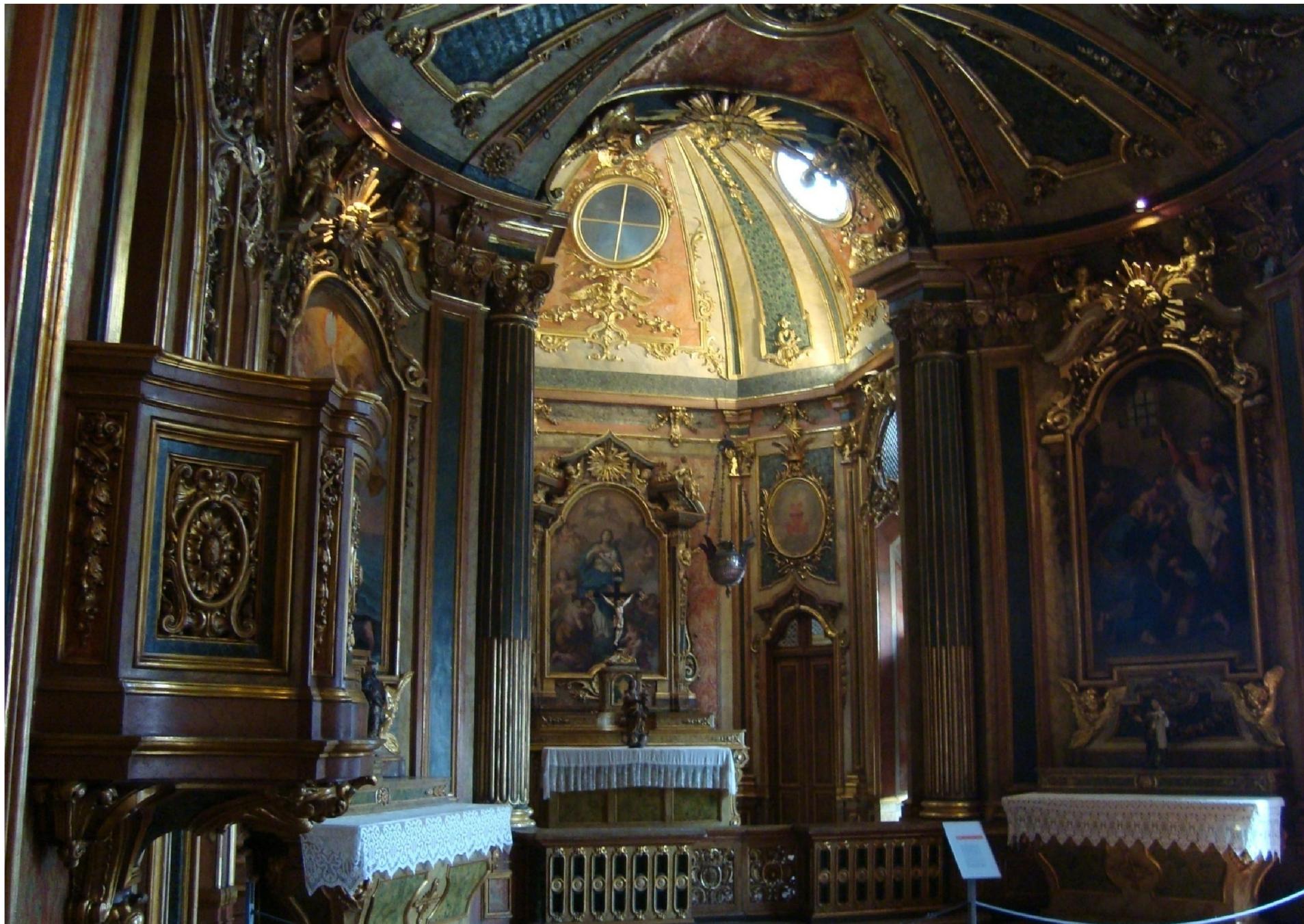
Fachada da igreja de Santo Antônio. Mateus Vicente, 1757.



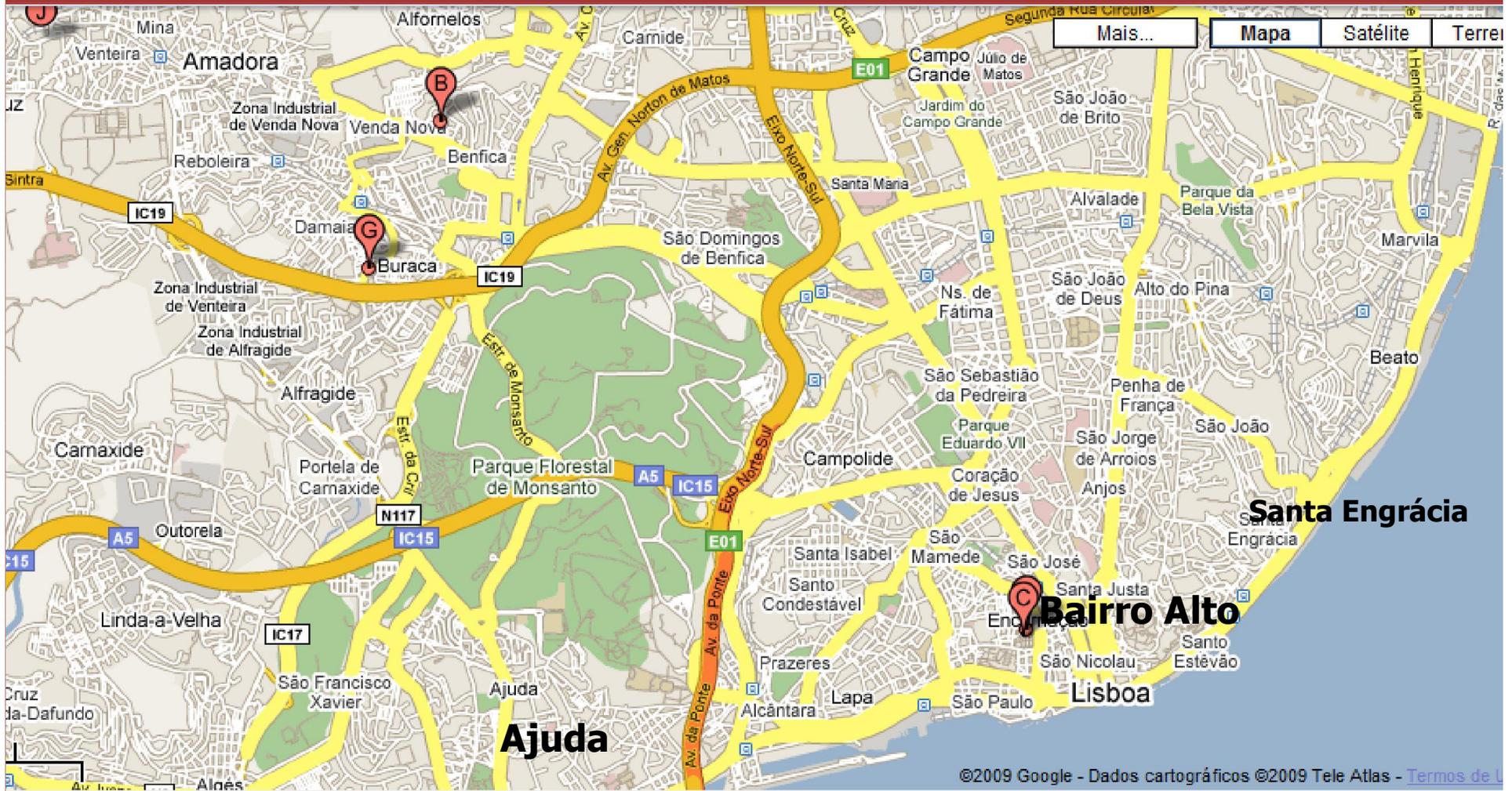
Igreja de Santo Antônio, 1757. Mateus Vicente.



Altars da Igreja de Santo Antônio, 1757. Seguindo modelos italianos.



Capela do Palácio de Queluz em estilo rococó, Silvestre de Faria Lobo, 1758.



Lisboa: cidade alta, cidade baixa



Vista do Castelo de São Jorge a partir do Bairro da Alfama, Cidade Velha



Igreja de São Vicente de Fora à esq e Santa Engrácia à direita, vistas do Tejo

Igreja de Santa Engrácia:
284 anos para ser
construída.





Igreja de Santa Engrácia, 1682.

Panteão Nacional, com túmulos de heróis portugueses, Camões, Vasco da Gama, D. Afonso Henriques, e até a fadista Amália Rodrigues

Convento dos Cardaes

Fundado por D. Luísa de
Távora, é considerado um
dos mais originais
exemplares artísticos do
século XVII.

As obras, iniciadas antes
de 1677, só foram
terminadas em 1703.





Azulejo dos Cardeais do convento

Fachada externa do mosteiro dos cardeais



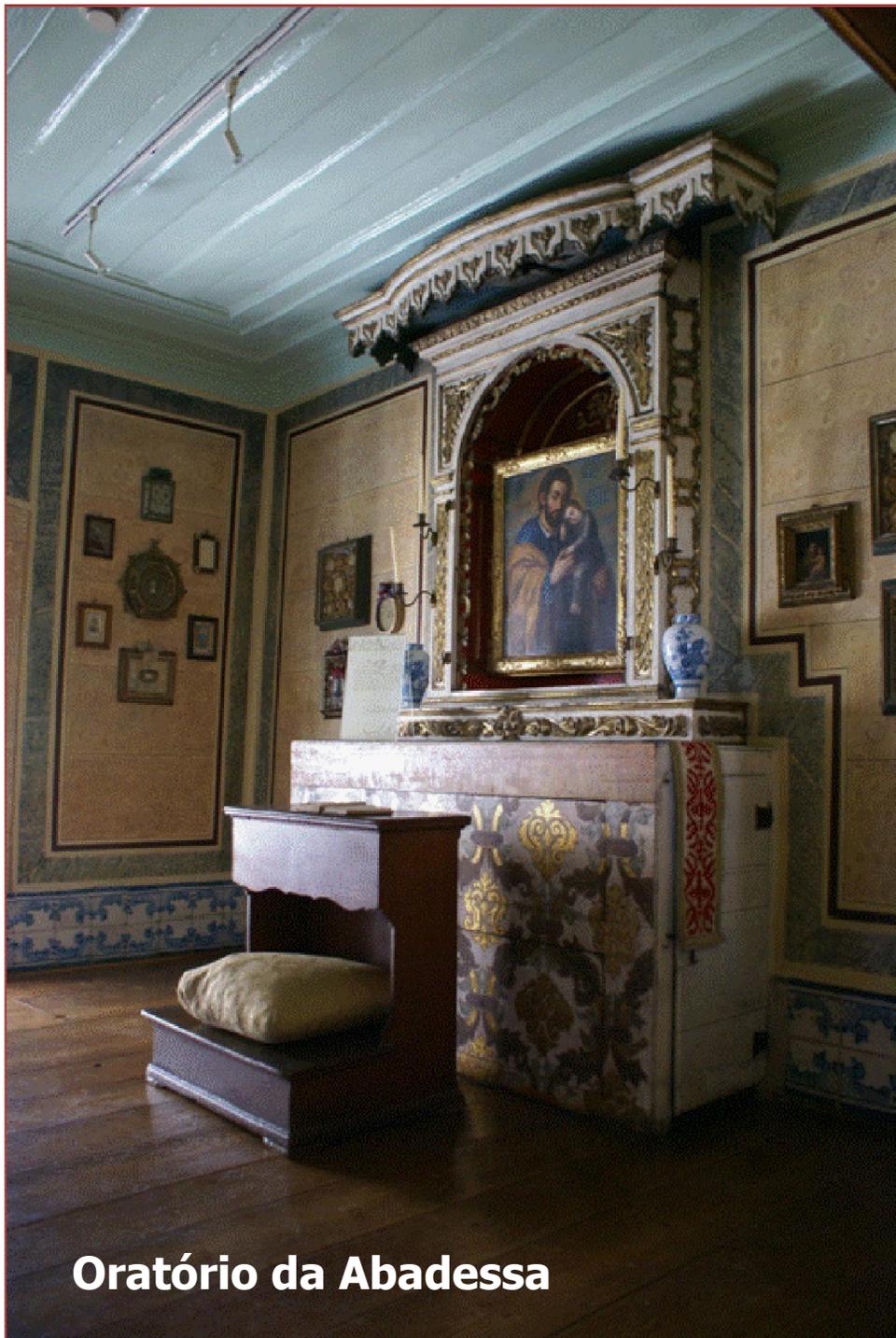
A decoração do interior do Convento é de estilo barroco, assentando em quatro aspectos principais: os azulejos azuis e brancos, a talha dourada, as pinturas e os embutidos em mármore

Planta baixa do complexo do Convento dos Cardaes





Igreja: laterais com painéis de azulejos



Oratório da Abadessa





Igreja do Convento, vista desde o coro



Retábulo Mor
Estilo Nacional
Português.
Final do XVII.



Capela Lateral Igreja dos Cardaes

Igreja Madre de Deus: Museu do Azulejo

Metade do século XVI.
Ornamentação estilo D. João V.



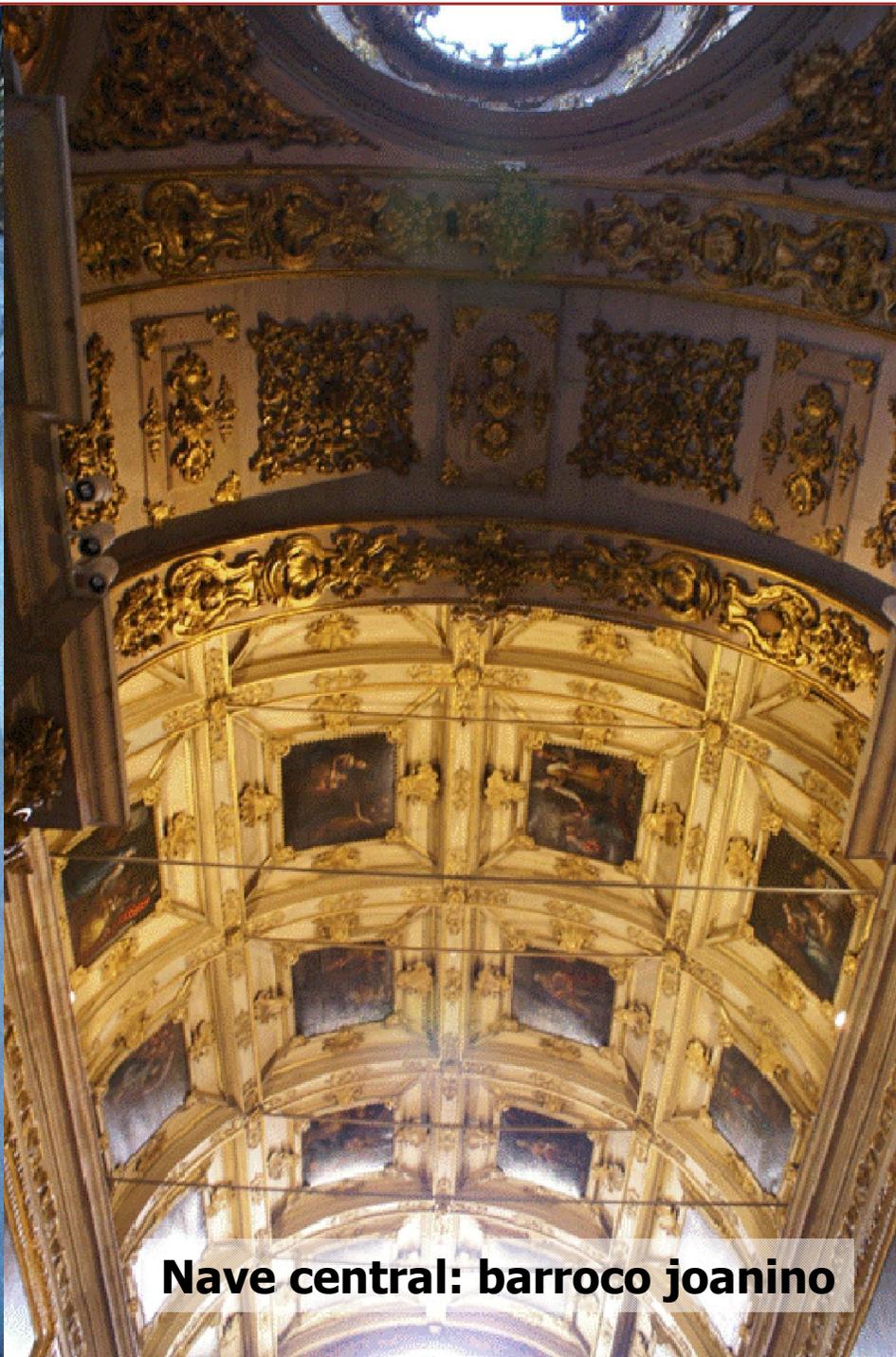


Coro da Igreja com Cadeiral



Capela Mor
Estilo rococó

Capela Mor Rococó



Nave central: barroco joanino



Museu do Azulejo: desenhos alicatados, pigmentos para manufatura



Etapas do
Desenho
e Decoração dos
Azulejos





**Painéis e
azulejo do
museu**



**Altar em
azulejo com
cenas da
Anunciação
(acima) e da
adoração dos
magos**



São Tiago
azulejo

Igreja dos Paulistas

Igreja de Santa Catarina ou dos Paulistas





Altar da nave e vista geral



Capela-mor:
1730

Pinturas do
Ciclo
Eucarístico
por André
Gonçalves

Igreja das Mercês

A igreja foi construída no séc. XVIII, sob as ruínas de uma igreja anterior destruída pelo terremoto de 1755.



É enquadrada, no Largo de Jesus, pelo antigo prédio do Convento de Jesus, pelo Liceu de Passos Manuel, pelo Hospital de Jesus e pelo Palácio Mendia, entre outros.



Fachada com escadaria : N. Sra. das Mercês.

Altars laterais da N. S. das Mercês



Museu dos Coches

Em 1787 projeta-se um novo Picadeiro, sob o risco do italiano Giacomo Azzolini, por inspiração do futuro rei.

Surge assim o atual Museu dos Coches, com frente para a Praça de Belém e a Calçada da Ajuda - um palacete neo-clássico com decoração *rocaille*.

Museu dos Coches

Com Maria I em Belém fazem-se obras, chega a água encanada, constroem-se viveiros rococó para pássaros exóticos, no Jardim da Cascata, e a Corte dá festas com fogos nas noites de São João e São Pedro. As cavaliças e as cocheiras do Palácio de Belém são utilizadas pela família real, embora a rainha viva no Palácio da Ajuda.





Vista geral



Carruagem real: barroco ousado para brilhar frente ao Vaticano



Vista geral da carruagem real

BIBLIOGRAFIA

GIL, Júlio; CALVET, Nuno. As Mais Belas Igrejas de Portugal. Editora Verbo, Lisboa, 1988.

Kubler, George. A Arquitectura Portuguesa Chã: Entre as Especiarias e os Diamantes (1521-1706). Editora Vega, 2008.